

SOFREDOR NA TERRA, MAS RECEBIDO COMO GUERREIRO NO CÉU



"[6] *O tempo de minha morte se aproxima.* [7] *Lutei o bom combate, terminei a corrida e permaneci fiel.* [8] *Agora o prêmio me espera, a coroa de justiça que o Senhor, o justo Juiz, me dará no dia de sua volta. E o prêmio não será só para mim, mas para todos que, com grande expectativa, aguardam a sua vinda.*" (2Timóteo 4.6-8 – Nova Versão Transformadora)

No contexto da passagem bíblica acima, o apóstolo Paulo está preso em Roma e aguarda o momento

em que será decapitado a mando do imperador Nero, por volta do ano 68 d.C. Enquanto espera a execução da sentença, Paulo escreve uma última carta, dessa vez endereçada a Timóteo, seu “filho amado” (cf. 2Timóteo 2.2). Na oportunidade, o apóstolo, bastante satisfeito, faz um balanço da sua vida. Ele guardou a fé e agora aguarda a recompensa pela fidelidade demonstrada durante o exercício do seu ministério. Paulo entende que sua morte é a oferta final que ele pode oferecer ao Senhor Jesus.

Para o apóstolo Paulo, mais importante do que viver por muitos anos, é viver intensamente uma vida que valha a pena ser vivida. E Paulo soube aproveitar a vida plenamente. Ele aprendeu “o segredo de viver em qualquer situação, de estômago cheio ou vazio, com pouco ou muito” (cf. Filipenses 4.12 – NVT). Nos últimos dias que antecederam a sua morte, pensamentos mórbidos ou temores desoladores estavam completamente ausentes na vida do apóstolo – mesmo ele ciente de que seu óbito era fato iminente. Pelo contrário, Paulo falou com segurança da sua morte e para isso fez uso de imagens alegres e triunfantes.

No cumprimento do chamado de Deus para a sua vida, Paulo sofreu bastante. Ao escrever à Igreja em Coríntio, o apóstolo cita alguns dos seus muitos sofrimentos. Na carta, ele diz: “fui encarcerado com mais frequência, perdi a conta de quantas vezes fui açoitado e, em várias ocasiões, enfrentei a morte. Cinco vezes recebi dos líderes judeus os trinta e nove açoites. Três vezes fui golpeado com varas. Fui apedrejado uma vez. Três vezes sofri naufrágio. Certa ocasião, passei uma noite e um dia no mar, à deriva. Realizei várias jornadas longas. Enfrentei perigos em rios e com assaltantes. Enfrentei perigos de meu próprio povo, bem como dos gentios. Enfrentei perigos em cidades, em desertos e no mar. E enfrentei perigos por causa de homens que se diziam irmãos, mas não eram. Tenho trabalhado arduamente, horas a fio, e passei muitas noites sem dormir. Passei fome e senti sede, e muitas vezes fiquei em jejum. Tremi de frio por não ter roupa suficiente para me agasalhar” (2Coríntios 11.23-27 – NVT). Todo esse sofrimento, no entanto, não foi capaz de roubar a

esperança e as convicções de fé do apóstolo Paulo, que considerava todas as adversidades como algo leve e momentâneo. Na mesma carta, ele declara: *“Estas aflições pequenas e momentâneas que agora enfrentamos produzem para nós uma glória que pesa mais que todas as angústias e durará para sempre. Portanto, não olhamos para aquilo que agora podemos ver; em vez disso, fixamos o olhar naquilo que não se pode ver. Pois as coisas que agora vemos logo passarão, mas as que não podemos ver durarão para sempre”* (2Coríntios 4.17-18 – NVT). Era dessa forma que o apóstolo Paulo enxergava os instantes finais que antecediam a sua morte.

No texto bíblico citado inicialmente, quando Paulo diz *“o tempo de minha morte se aproxima”* (v. 6), ele evoca a imagem de um **navio que está para levantar âncoras**, ou de um **soldado que se prepara para levantar acampamento**.¹ Recentemente conheci um homem que, à semelhança do apóstolo Paulo, também sofreu muito e sabia que o tempo de sua morte se aproximava. Ele tinha consciência de que o “navio” que o levaria deste mundo, estava prestes a levantar âncoras. Mas até que isso acontecesse, permaneceu fiel, como bom soldado, sem ignorar o fato de que precisava se preparar para levantar acampamento e partir ao encontro de seu Senhor e Salvador Jesus Cristo, que o receberia de braços abertos. Assim ele o fez. **Depois de momentos difíceis – muitos deles intensos – ele partiu como sofredor na terra e foi recebido como guerreiro no céu**. No único momento em que estive com ele, em uma visita pastoral, aquela pessoa com a saúde já bastante debilitada, não externalizava nenhum sentimento de raiva, medo, tristeza ou incerteza quanto ao futuro. Dos seus olhos e lábios emanavam apenas fé, amor e gratidão a Deus. Notava-se em seu semblante uma imensa esperança de ser recebido em breve pelo Pai Celestial.

No texto bíblico, o *“bom combate”* (v. 7), citado por Paulo, faz referência a uma luta corporal. Nesse quesito, esse querido irmão em Cristo pelejou até o fim. Fez uso de todos os recursos disponíveis e que estavam ao seu alcance. Não fez críticas ou reclamações em relação aos tratamentos – muitas vezes invasivos – a que era submetido. Cumpriu com confiança, tranquilidade e de forma digna sua responsabilidade. No período final de sua jornada aqui na terra, sem mais conseguir se locomover, ainda assim, como Paulo, ele *“terminou a corrida”* (v. 7) – metáfora de uma competição atlética. Enquanto seu corpo estava acamado, sua alma permaneceu em movimento radiante. Impulsionado por uma fé inabalável, saltou sobre todos os obstáculos à sua frente, fossem eles visíveis ou invisíveis. Passou a ser fonte de inspiração e superação a todos que acompanhavam o agravamento do seu quadro clínico.

De volta à análise do texto bíblico, na época do apóstolo Paulo, os campeões atléticos recebiam como prêmio uma coroa de louros, que com o passar do tempo murchavam. Contudo, a coroa aguardada por Paulo não era essa. A coroa desejada pelo apóstolo era de natureza espiritual, eterna.

¹ BRUCE, Frederick Fyvie. *Comentário bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento*. Trad. Valdemar Kroker. São Paulo: Vida, 2009. 2072 p.

Para os guerreiros que permanecem fiéis até a morte, está reservada a “coroa da vida eterna”, que será entregue pelas mãos do próprio Senhor Jesus Cristo (cf. Apocalipse 2.10).

Em geral, quando alguém que nos é querido morre, a nossa tristeza não é porque a pessoa partiu, mas porque nós ficamos; e uma vez que ficamos, lamentamos a ausência dela entre nós. Toda vida, porém, tem um propósito. Como o próprio apóstolo Paulo declarou, nós “*não vivemos nem morremos para nós mesmos. Se vivemos, é para honrar o Senhor. E, se morremos, é para honrar o Senhor. Portanto, quer vivamos, quer morramos, pertencemos ao Senhor*” (Romanos 14.7-8 – NVT). A morte de alguém serve para nos lembrar da importância da vida e que os bens mais preciosos que podemos deixar são a fé, a esperança e o amor, e o maior destes é o amor (cf. 1Coríntios 13.13).

Frequentemente somos colocados frente a frente a brevidade e fragilidade da vida. Os muitos anos de experiência não tornam mais fáceis estes momentos. Cada pessoa é única, cada um chega a este momento de forma singular. Mas, “*felizes os que, de agora em diante, morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, eles são verdadeiramente felizes, pois descansarão de seu trabalho árduo; porque suas boas obras os acompanharão*” (cf. Apocalipse 14.13 – NVT).

Soli Deo Gloria.